

O imaginário da formação do *IV Reich* na América Latina: o agente Erich Erdstein no Brasil

The imaginary of the creation of the IV Reich in Latin America:
Agent Erich Erdstein in Brazil

Marcos Eduardo Meinerz¹

markosmeinerz@gmail.com

Resumo: Após a Segunda Guerra Mundial, identificamos a produção de vários textos que afirmam ter acontecido uma conspiração para a formação do *IV Reich* na América Latina. O fato de várias pessoas envolvidas com o nazismo terem escapado do tribunal de Nuremberg e se refugiado em terras latino-americanas deu o mote para a aparição das mais fantasiosas e fantásticas versões sobre suas pretensas atividades secretas com vista à reorganização do partido nazista no continente. Uma dessas histórias aconteceu nas cidades brasileiras de Marechal Cândido Rondon e Rio do Sul. Ambas foram acusadas pelo “agente” Erich Erdstein de abrigarem os criminosos de guerra nazistas Josef Mengele e Martin Bormann, e nessas localidades estaria nascendo o *IV Reich*. Essas denúncias estão presentes em obras literárias e reportagens de jornais e revistas, que, embora diferentes no gênero, enfatizam: reuniões secretas, bases nazistas escondidas no meio da selva, perseguições e aventuras *à la* Sherlock Holmes e James Bond, a sobrevivência de Hitler, a formação do *IV Reich* neste continente, entre outros. O que pretendemos aqui, portanto, é analisar os discursos sobre as referidas cidades, entendendo-os como parte de um imaginário que se formou após a guerra, quando o *IV Reich* poderia se erguer em algum lugar do mundo, principalmente na América Latina.

Palavras-chave: *IV Reich*, imaginário, nazismo.

Abstract: After World War II various texts came out that claimed that there was a conspiracy for the creation of the Fourth Reich in Latin America. The fact that many people involved with Nazism had escaped the Nuremberg tribunal and sought refuge in Latin American countries occasioned the appearance of fanciful and fantastic stories about their alleged covert activities aimed at reorganizing the Nazi Party on the continent. One such story referred to the Brazilian towns of Marechal Cândido Rondon and Rio do Sul. According to an accusation made by “agent” Erich Erdstein, these towns sheltered Nazi war criminals Josef Mengele and Martin Bormann and the Fourth Reich would be created in them. These accusations can be found in literary works and reports of newspapers and magazines, which, although different in genre, emphasize secret meetings, hidden Nazi bases in the jungle, persecutions and adventures *à la* Sherlock Holmes and James Bond, the survival of Hitler, the creation of the Fourth Reich on this continent and others. Thus, the article analyzes the discourses about these towns, understanding them as part of an imaginary formed after the war according to which the Fourth Reich could arise anywhere in the world, especially in Latin America.

Key words: Fourth Reich, imaginary, Nazism.

¹ Mestrado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Mais de 67 anos se passaram desde que os eventos da Segunda Guerra Mundial chegaram ao seu fim, em 1945. Durante esse período, foram produzidos inúmeros trabalhos sobre o nazismo. No cerne destes, encontramos estudos que abordam as mais diferentes temáticas sobre o assunto, ora privilegiando aspectos econômicos, ora políticos, ora sociais. Em uma rápida pesquisa, podemos nos deparar com muitos estudos sobre um dos personagens mais instigantes do século passado, Hitler.

Nesse mesmo período, encontramos uma vasta produção literária e jornalística dedicada a denunciar a existência de uma conspiração para a formação do *IV Reich* na América do Sul, e que o próprio Hitler estaria vivo para, junto de seus discípulos Martin Bormann e Josef Mengele, liderar novamente a “raça ariana”. O texto a seguir aborda esse aspecto, até então pouco estudado, sobre as consequências dos eventos vinculados ao nazismo na primeira metade do século XX: a suspeita de que tais personagens estariam se reorganizando politicamente na América Latina, mais especificamente no Brasil.

Exemplo disso são os livros de Erich Erdstein (Erdstein e Bean, 1977) e Ladislav Farago (1974). Em 1974, o jornalista húngaro Ladislav Farago publicou nos Estados Unidos o livro *Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich* (Consequências. Martin Bormann e o *IV Reich*). Nele é narrada a caça a Martin Bormann pela América do Sul levada a efeito pelo próprio autor. Em 1977, Erich Erdstein e Barbara Bean publicaram o livro *Renascimento da Suástica no Brasil*, no qual é narrada a caça a Mengele efetuada por Erdstein. Ambos os livros denunciavam a existência de células nazistas em toda a América do Sul, empenhadas em formar o *IV Reich*.

O que pretendemos aqui é fazer uma análise das denúncias feitas por Erich Erdstein, nas décadas de 1960 e 1970 agente do DOPS de Curitiba, sobre as cidades brasileiras de Marechal Cândido Rondon, localizada no extremo oeste do estado do Paraná, e de Rio do Sul, localizada no vale do rio Itajaí, em Santa Catarina. Ambas foram acusadas por Erdstein de serem localidades onde estaria em formação o *IV Reich* no continente. Essas denúncias foram apresentadas no livro de Erdstein citado anteriormente e em reportagens de jornais e revistas que se basearam nas suas investigações.

Para tanto, objetiva-se primeiramente apresentar o imaginário sobre o “perigo alemão” formado em meados do século XIX, e em seguida mostrar como ele mudou de temática após a Segunda Guerra Mundial. Feito isso, analisaremos as denúncias sobre as cidades brasileiras de Rio do Sul e Marechal Cândido Rondon.

O novo “perigo alemão”

Desde a segunda metade do século XIX, formou-se no imaginário popular da América do Sul a fantasia do “perigo alemão”. A temática principal desse “perigo” seria a ideia segundo a qual a Alemanha procuraria anexar parte da América Latina (principalmente os países sulinos) ao seu território. Os imigrantes e descendentes de alemães residentes nesses territórios teriam um papel destacado neste empreendimento (Gertz, 1991).

Esse imaginário se sustentou a partir de certas interpretações de costumes e tradições de grupos de imigrantes alemães. De acordo com René Gertz (1991), a acusação repetida contra alemães e seus descendentes, desde o início da imigração em 1824, é o da não integração. Eles se manteriam à margem das nações, no caso a brasileira, pela ausência de miscigenação, pela conservação da língua, dos costumes e do legado cultural da Alemanha em geral. Segundo Gertz:

A ideia de não integração, de segregação, de antipatriotismo e de anticiudadania ganhou nova dimensão com a criação do império alemão em 1871 e o quadro internacional daí resultante. A Alemanha não tinha colônias e ideólogos e estrategistas alemães pensaram no aproveitamento dos “alemães no exterior” em benefício da “pátria-mãe”. Já em 1865 o geógrafo alemão Woldemar Schultz, escrevendo sobre as possibilidades de imigração para o sul do Brasil, Uruguai e Argentina, citava uma personalidade alemã que havia dito: “[...] ninguém praticamente lembra que com isto se criaram lugares de reunião para os ramos caídos do nosso tronco, onde todo botão de flor se transforma em um fruto maduro para a pátria alemã, onde qualquer pulsação do sangue da velha pátria é refletido” [sic]. Certamente alguns destes ideólogos e estrategistas – mais exaltados e menos realistas – pensavam até numa anexação, na criação de uma colônia alemã como os franceses as tinham na Ásia ou na África (Gertz, 1991, p. 15).

Gertz afirma que a temática do “perigo alemão” também adquiriu amplitude internacional, com a participação da imprensa britânica, norte-americana e francesa. Intelectuais e jornalistas brasileiros também produziram muitos trabalhos sobre o assunto. Como exemplos, cito os livros de Sílvio Romero, *O alemanismo no sul do Brasil*, de 1906, *O perigo prussiano no Brasil*, de Raimundo Bandeira, produzido em 1914, e *O pangermanismo no sul do Brasil*, de Raul Darcachy, de 1915 (Gertz, 1991, p. 16).

O imaginário do “perigo alemão” se estendeu “com intensidade variável por quase quarenta anos, até a Primeira Guerra, quando a derrota alemã enfraqueceria

seu principal argumento: as pretensões imperialistas da Alemanha” (Gertz, 1991, p. 16). A temática voltou a ficar mais intensa com a ascensão do nazismo na Europa e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Gertz explica que, neste momento, “qualquer traço cultural podia ser aproveitado na tentativa de comprovar nazismo entre os teutos” (Gertz, 1987, p. 88).

Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, esse imaginário, que no primeiro momento correspondia à suspeita de que a Alemanha pudesse anexar parte da América Latina ao seu território, adquiriu outra forma: o da formação do *IV Reich*. Verificamos isso numa vasta produção literária, jornalística, cinematográfica e televisiva que possui como tema principal a relação dos imigrantes e descendentes alemães da América Latina com a suposta reestruturação do nazismo por suas terras.²

Essa vasta produção muito deve ao fato de várias pessoas envolvidas com o nazismo, pelo menos as que ficaram mais conhecidas após o término da guerra devido às suas atividades relacionadas, principalmente, ao holocausto, como Adolf Eichmann e Josef Mengele, terem escapado do tribunal de Nuremberg e se refugiado em terras latino-americanas, dando o mote para a aparição das mais fantásticas e fantasiosas versões sobre suas pretensas atividades secretas com vista à reorganização do partido nazista no continente. E algumas dessas fantásticas e fantasiosas histórias aconteceram nas cidades brasileiras de Marechal Cândido Rondon e Rio do Sul,³ o que veremos a seguir.

Seguindo as pegadas de Martin Bormann e Josef Mengele: as investigações do “agente” Erdstein em Santa Catarina⁴

Joseph Mengele, Martin Bormann e outros criminosos nazistas – em liberdade desde 1945 – estão no Brasil, mais precisamente em Santa Catarina, numa cidadezinha no Vale do Itajaí. Depois de um determinado tempo, se locomovem para Mato Grosso, passando então a percorrer a Argentina, Uruguai e Paraguai. Este círculo de viagem, percorrido há 22 anos, foi descoberto agora, depois de investigações de um agente especial da Diretoria da Polícia Civil do Paraná [...]. Graças ao que

se denominou “círculo de ferro”, feito por ex-nazistas e refugiados, os criminosos recebem toda a cobertura, sendo quase impossível estabelecer todas as ligações e a extensão da organização protetora, que mantém contato com outras células espalhadas pelo mundo (*O Estado do Paraná*, 13/09/1967).

É assim que o jornal *O Estado do Paraná* apresenta e passa a publicar, no último mês de 1967, uma série de quatro reportagens – intituladas de “Mini-Reich opera no Brasil” – sobre os “trabalhos policiais” executados pelo “agente” Erich Erdstein nas cidades de Rio do Sul e Dona Emma, ambas da região do vale do rio Itajaí em Santa Catarina. Judeu austríaco, Erdstein refugiou-se na América do Sul em 1939 devido à perseguição nazista.

No Brasil, inaugurou sua carreira na polícia paranaense em 1966, ao obter emprego de tradutor na DOPS em Curitiba. Logo depois, conseguiu uma carteira que o identificava como detetive da Delegacia de Furtos e Roubos. Com isso, passou a atribuir a si próprio o papel de “agente especial” da polícia paranaense, e “nessa condição saiu à cata de criminosos de guerra que estariam refugiados nos Estados sulinos” (*Oeste*, 1991a, nº 65, p. 26). A primeira oportunidade surgiu em 1967, quando um cidadão luxemburguês chamado Eugene Parries foi encontrado morto no quarto de um hotel em Curitiba. Parries supostamente era colaborador dos nazistas durante a Segunda Guerra. A polícia concluiu que ele se suicidara, mas o “agente especial” não se deu por satisfeito, “viu no episódio uma típica queima de arquivo, que só poderia ter sido encomendada por uma temível organização nazista” (*Oeste*, 1991a, nº 65, p. 26). Quando veio a este país, Parries teria feito chantagens, extorquindo dinheiro dos criminosos de guerra e de pessoas ligadas ao “círculo de ferro” em Rio do Sul, até que “suicidou-se misteriosamente”.

Isso levou Erdstein ao Paraguai, ao Uruguai e à Argentina, onde supostamente conseguiu reunir uma série de dados e provas que estabeleciam a ligação entre Parries e a organização nazista de proteção denominada “círculo de ferro” que atuava na cidade catarinense. Já no município,

em contato com ex-nazistas, o agente comprovou tudo. Velhos nazis, a maioria gente de importância social, estavam por detrás do manto que encobre, há muitos anos, as atividades nazistas no Brasil. Willie Wiess, ex-nazista e oficial da “SS”, ajudou muito nos trabalhos policiais. Conhecedor da vida e atividades dos

² Encontramos cerca de 20 livros, 5 filmes e dezenas de reportagens de jornais e revistas nacionais e internacionais, produzidos desde a década de 1960 até os dias atuais.

³ Outra dessas histórias aconteceu na cidade gaúcha de Cândido Godói. O município ganhou destaque na imprensa nacional e internacional (principalmente via internet), quando surgiram rumores de que o seu alto índice de gêmeos era resultado das experiências genéticas praticadas por Josef Mengele, ex-médico nazista de Auschwitz, nas mulheres da cidade.

⁴ As denúncias feitas por Erdstein sobre as cidades brasileiras de Rio do Sul e Marechal Cândido Rondon também estão presentes em seu livro *O renascimento da Suástica no Brasil*, de 1977. Porém, abordaremos somente as denúncias vinculadas aos jornais e às revistas publicados no final da década de 1960 e começo da década de 1970, que se basearam nas suas investigações.

ex-companheiros, forneceu informações importantes [...]. Confirmou a situação de chantagista de Eugene Parries e deu mais detalhes [...]. Suas informações apenas atestaram a veracidade da existência do “círculo de ferro”, composto de “grandes homens da cidade” (O Estado do Paraná, 14/12/1967).

Esse trecho faz parte da segunda matéria da série sobre a cidade, que segue apontando o fato de a região do vale do rio Itajaí ter sido colonizada por alemães como um forte indicativo de que ali poderia ser um reduto de nazistas, pois era

um país dentro do país onde o português só é falado quando chega um estrangeiro, uma pessoa de fora, e o conservadorismo chega até a fazer com que certos pais não ensinem nossa língua a seus filhos, e o fato é que a situação de certos alemães do Vale do Itajaí, levanta suspeitas (O Estado do Paraná, 14/12/1967).

A matéria termina informando que todas as pistas indicavam um local retirado da cidade de Dona Emma onde Mengele estaria escondido. Com isso a “Operação Caça a Mengele” teve seu início.

A penúltima matéria – subintitulada de “Mengele escapou por muito pouco” –, de 15 de dezembro de 1967, fala como Mengele,

em suas viagens entre o Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina, utiliza um carro Simca, dois Fuques, ou um Jipe. Quando aparece em Santa Catarina, tudo indica que se homizaria numa casa retirada de Dona Ema [sic]. Esta casa, de um estranho médico, que diz não ser médico, embora faça operações e tratamentos. Pelo ciclo de suas viagens, está atualmente em Santa Catarina, não sendo preso pelo alarme dado a tempo pelo “círculo de ferro” que lhe dá cobertura no Brasil. Os informantes que colaboram nas investigações confirmaram a época de sua aparição: “O carro usado por Mengele já chegou com quatro ocupantes”. Em contato com as autoridades do Rio do Sul e Dona Ema [sic], o agente especial deu início à “caça” (O Estado do Paraná, 15/12/1967).

Assim, com seis soldados da Polícia Militar catarinense, o cerco à casa onde Mengele estaria hospedado teria começado (não é informado o dia da “operação”), às 20 horas:

O escuro, apesar da noite estrelada, fazia com que tudo tomasse forma fantástica, quase sobrenatural. A casa, localizada na elevação de uma montanha, estava com as luzes apagadas. O silêncio era cortado apenas pelos

grilos e alguns cachorros, de casas próximas. Como existem duas estradas nas proximidades, foi necessário dividir o número de policiais, para que todas as saídas ficassem bloqueadas [...]. O cerco começou a ser fechado, até a casa. O carro não estava lá, nem havia pessoas dentro da casa. Mengele havia recebido o aviso e, de alguma maneira, conseguiu escapar [...]. As marcas do Simca, no entanto, foram encontradas nas proximidades do local (O Estado do Paraná, 15/12/1967).

Dentro da casa, segundo o agente, além de um grande quadro de Bach, foram encontrados diversos livros e discos de música clássica, além de um piano, de marca alemã. Já no porão, numa das salas divididas, os policiais acharam um fichário médico, uma mesa rústica para operações, milhares de remédios, drogas e entorpecentes, bem como instrumentais cirúrgicos e uma maca. Erdstein recolheu algumas fotos e objetos que posteriormente apresentaria como provas da passagem de Mengele pelo interior de Santa Catarina.

A última matéria, do dia 16 de dezembro de 1967 subintitulada: “A reaparição do Fantasma Pardo”, termina por denunciar a passagem do ex-médico do campo de concentração de Auschwitz pelas terras brasileiras:

A esta hora, em algum ponto de Santa Catarina – ou talvez já de Mato Grosso – um homem de quase setenta anos, usando nome e documentação falsos, estará tentando deixar o País. Não será difícil conseguir seu intento, pois com a “cobertura” que possui e a farta documentação forjada que carrega, ninguém, certamente, o deterá para averiguações [...]. Este homem é Joseph Mengele, o criminoso nazista mais procurado no mundo atualmente, junto com Martin Bormann, os monstros fabricados pela mente doentia de Adolf Hitler. Mesmo que alguém possua uma foto de Mengele, dificilmente conseguiria identificá-lo: os 22 anos desde o fim da II Guerra Mundial, transformou [sic] sua face, que conserva tenuamente o sadismo, a bestialidade que recaiu sobre milhares de vítimas do Reich (O Estado do Paraná, 16/12/1967).

Voltamos agora para a matéria do dia 15 de dezembro de 1967. Nela temos também uma parte dedicada ao dono da casa onde Mengele supostamente se hospedava frequentemente. A casa pertencia ao “misterioso médico dr. L” – Alexander Lenard –, assim denominado devido às suas constantes viagens e seu isolamento. No entanto, no decorrer das investigações de Erdstein, chegou-se à conclusão de que o “dr. L” seria um alto funcionário da Alemanha nazista, ou até mesmo Josef Mengele, ou ainda Martin Bormann.

Porém, Alexander Lenard nasceu na Hungria, em 9 de março de 1910, e morreu em Dona Emma, no dia 13 de abril de 1972. Foi médico, filósofo, poeta, desenhista, romancista, conhecedor de mais de 12 línguas e estudioso da obra de Johann Sebastian Bach. Teve que se mudar, ainda criança, para a Áustria, como fugitivo da Primeira Guerra Mundial, e, quando esta terminou, deslocou-se para Klosterneuburg. Segundo Keuly Badel (2011), o medo de uma possível Terceira Guerra Mundial, e as ameaças de explosões nucleares, fez Lenard vir para o Brasil, através da Organização de Refugiados.

Erdstein não vendeu a sua história apenas ao jornal *O Estado do Paraná*. Em fevereiro de 1968, vendeu também à revista *Neue Revue*, da Alemanha, um relato das suas incríveis peripécias no “submundo da suástica”. O “agente especial” relatou a história que começava com a morte de Parries, em Curitiba, passando pelo vale do rio Itajaí. A revista fez desse material uma reportagem seriada e ilustrou um dos capítulos com uma foto que Erdstein trouxera de Dona Emma, na qual afirmava ser Mengele, mas na verdade se tratava de Lenard (Oeste, 1991a, nº 65, p. 26).

Quando Lenard tomou conhecimento do que estava acontecendo – nesse período lecionava línguas clássicas em Charleston, nos Estados Unidos –, não se calou. A matéria da revista *Neue Revue* levou Lenard a publicar um artigo para o jornal alemão *Stuttgarter Zeitung*, em 9 de abril de 1968, sob o título “Como cheguei a ser Bormann e Mengele: um relatório da floresta virgem”. Segue o prefácio da redação:

Dr. Alexander Lenard não é desconhecido aos leitores do “Stuttgarter Zeitung” [sic]. Alguns anos atrás publicamos um artigo sobre sua vida como médico na “floresta virgem” sob o título “Arzt am Rande der Welt” (médico à margem da floresta [sic]) [...]. Agora há poucas semanas passadas surgiu uma notícia nos jornais internacionais pelas quais Dr. Lenard está sendo identificado pelo [sic] tão procurado Martin Bormann ou o médico dos campos de concentração Dr. Mengele. Extraímos o artigo abaixo de uma carta endereçada ao redator deste jornal, descrevendo as consequências desta confusão de identidade (Lenard, 1968, p. 3).

Nesse artigo, Lenard afirma que o caso foi iniciado por um jovem que se apresentava por vários nomes, mas seu nome verdadeiro era Erich Erdstein, que veio do Uruguai e fazia traduções para a polícia em Curitiba. Esse jovem, diz Lenard, “do qual se diz agora que é um agente secreto de Israel, eu no entanto creio que é um leitor de James Bond” (Lenard, 1968, p. 3), passava suas férias nas imediações do lugar onde ele morava, e ali ele teria ou-

vido falar de um velho alemão riquíssimo que construiu uma vila luxuosa na região de Dona Emma, onde vivia escondido e alegre.

Em dezembro de 1967, continua Lenard, Erdstein foi até sua casa, mas só encontrou sua empregada, a senhora Klein. Ele apresentou-se como Dr. Meier e colega de estudos de seu patrão. A senhora Klein serviu um café para o “agente” e lhe teria contado algumas passagens da sua vida. Porém, Erdstein não ficou contente com a sua primeira visita e tempos depois voltou à casa, mas dessa vez, diz Lenard,

foi organizada uma expedição. O Sr. Meier-Erdstein passou a ser “presidente da polícia Martin”. Conventuei o delegado de Ibirama e Rio do Sul de que minha casa estava cheia de ouro, brilhantes e notas de libras falsas – além de armas, prometeu participação no que encontrariam – [sic] No dia 6 de dezembro apareceram 13 homens em carros e armados de metralhadoras. Cercaram minha casa de madrugada e queriam me prender ao amanhecer. Também o teriam feito se eu não estivesse realmente em Charleston [...]. Vasculharam a casa, encontraram 8 volumes de Goethe (ele é um alemão), um quadro de Bach (Hitler disfarçado, e um cartão postal que dizia “Vou conseguir as sementes que pediu” (considerado código secreto), ouro e brilhantes procuraram em vão. Até o galinheiro e os pés de eucalipto não foram poupados com a procura [...]. Tudo que a força policial achou foi um jornal com o título em primeira página: O criminoso conseguiu fugir na última hora, antes da chegada da polícia. Até havia algumas pessoas que mediante dinheiro, afirmaram terem me visto fugir num carro amarelo (Lenard, 1968, p. 3).

Lenard afirma que esta “estória sensacional” apareceu alguns dias mais tarde, num “jornaleco em Curitiba”, sob o título: “O agente secreto Erdstein descobre o criminoso de guerra Dr. Mengele – O criminoso, avisado, consegue fugir a tempo – A polícia trabalha para decifrar o código encontrado” (Lenard, 1968, p. 3). No artigo, não há nenhuma referência ao nome do tal “jornaleco” de Curitiba.

Lenard termina seu artigo afirmando que Erdstein apresentou novamente essa história ao jornal *O Estado de S. Paulo*, que a publicou em quatro sequências:

Ali, portanto, se podia ler que o Dr. Mengele, desde 1952, vivia sob o nome Dr. Alexandre Lenard. Em 1956, venceu o teste “O céu é o limite” sobre Bach. 10 milhões de pessoas viram-no, mas nem mesmo um ex-prisioneiro do campo de concentração o reconheceu.

O criminoso escreveu um livro infantil em latim [...]. A continuação nº 4 revelava que toda a SS no Brasil costumava se reunir diante do busto de Hitler, escondido no porão de minha casa (Lenard, 1968, p. 3).

Os fatos apresentados por Erdstein também são contestados por Valberto Dirksen. Segundo este autor, naquele momento, Lenard se encontrava lecionando na Universidade de Charleston, Estados Unidos, e Natalie Klein era apenas sua empregada doméstica e, principalmente, não tinham relação nenhuma com “atividades nazistas” (Dirksen, 1996, p. 167-177). Depois desse artigo, a revista *Neue Revue* interrompeu a série e submeteu Erdstein a uma inquirição juramentada. O austríaco insistiu na veracidade de sua história, mas a revista achou melhor colocar um ponto final nela (Oeste, 1991a, nº 65, p. 26).

As suas investigações geraram tamanha celeuma, que as autoridades de Santa Catarina foram obrigadas a intervir, proibindo-lhe de continuar com a farsa em jurisdição que não era de sua alçada, e sugeriram que retornasse ao Paraná. A Secretaria de Segurança do estado determinou ainda a abertura de inquérito policial ante os problemas causados pelas atividades de Erdstein na região de Dona Emma e outras cidades de origem e descendência alemã (O Estado do Paraná, 1969, p. 8).

Depois de ser praticamente expulso das terras catarinenses, Erdstein continuou sua caça nos limites do Paraná. No início de 1968, ele “descobriu” que uma pequena cidade localizada no interior do estado, não muito distante da fronteira com o Paraguai, fora “tomada por um grupo de nazistas que estaria intimidando a população” (Oeste, 1991a, nº 65, p. 26). Esta cidade era Marechal Cândido Rondon.

O IV Reich em Marechal Cândido Rondon

Os discursos que apresentavam Marechal Cândido Rondon como um “reduto nazista” e que nela estaria nascendo o *IV Reich* se baseiam principalmente em um relatório elaborado por Erdstein, no início do ano de 1968, quando ele veio à cidade a fim de investigá-la, ainda investido como “agente especial” da DOPS do Paraná.

O fato de o município ser formado na sua maioria por descendentes de imigrantes alemães e de pessoas que migraram da Alemanha para o Brasil se mostrava como um forte indício, para Erdstein, da presença de criminosos nazistas na cidade e região. Fatores semelhantes levaram o agente ao Vale do Itajaí.

Segundo o relatório de Erdstein:

Existe, situada no município de Marechal Cândido Rondon e se estendendo pelas localidades vizinhas, próximo

e na faixa de fronteira com o Paraguai, extensa área de terras que é ocupada por um núcleo de colonização alemã. Seus ocupantes, colonos e comerciantes mostraram-se revoltados com a existência de certos grupos de alemães com eles, que proíbem a seus filhos de aprenderem nosso hino nacional, enfim, exigem uma segregação severa, esforçando-se por manter intactas as tradições, filosofia e cultura da terra de origem. Mantêm correspondência com revistas e entidades culturais e assistenciais alemãs, reivindicando auxílio financeiro para a continuidade da cultura germânica (Erdstein, 1968, p. 1).

Esse relatório possibilitou que vários órgãos de imprensa publicassem reportagens sobre a cidade, pois um documento elaborado por um investigador da DOPS se mostrava naquele período como uma verdade inconteste, uma fonte segura, principalmente quando falamos em um órgão governamental da época da ditadura militar.

Em maio de 1968, o *Jornal da Tarde*, publicou a matéria intitulada “Onde está nascendo o *IV Reich*”, baseada no relatório de Erdstein:

A nove mil quilômetros de Berlim, no Brasil, no interior do Paraná, em Marechal Cândido Rondon, a polícia descobriu uma nova Alemanha. Num relatório oficial, já entregue ao governador Paulo Pimentel, um investigador garante: “É uma Alemanha nazista. Seus cidadãos mais importantes e protegidos são Martin Bormann e Joseph Mengele”. A nova Alemanha, há 23 anos do fim da guerra contra Hitler, é presidida por seis nazistas, segundo a polícia. E é também o IV Reich em instalação no Brasil. Marechal Cândido Rondon fica no Noroeste do Paraná, a 590 quilômetros de Curitiba e 998 de São Paulo. O município tem 65 mil habitantes, a cidade só 7 mil. A maioria é de alemães. Nesta terra há um resto de sonho nazista. Marechal Cândido Rondon foi colonizada só por alemães. Os primeiros brasileiros que apareceram por lá foram sendo mal vistos e chamados de negros. O líder nazista de Marechal Rondon é vereador, dono de um hospital. Chama-se dr. Friederich Rupprecht Seyboth. Na cidade de Rondon, uma cidade com duas avenidas largas e vermelhas de pó, há sete mil pessoas, a maioria alemã, a minoria eleitora. E quase só se fala alemão, nos anúncios da rádio, nos bares, principalmente nos cumprimentos comuns, Wie geht’s? (ou como vai?), Guten Tag (ou bom dia), Guten Abend (ou boa tarde). Até as lápides dos cemitérios estão escritas em alemão nessa cidade. É uma região que começou a ser colonizada há menos de dez anos, por uma empresa que só vendia terras a alemães, ou a seus descendentes (Jornal da Tarde, 1968, p. 10).

Esse trecho da matéria termina com uma afirmação do “agente especial da Polícia do Paraná, o vienense Erich Erdstein. E ele afirma, com certeza, com raiva, com tristeza, como um profeta: – Aqui está nascendo o *IV Reich*” (*Jornal da Tarde*, 1968, p. 10).

Na matéria publicada pelo jornal *O Paraná*, de 1976, temos a descrição dos “herdeiros do *III Reich* em ação” na cidade de Marechal Cândido Rondon.

1. *Friedrich Rupprecht Seyboth – foi oficial médico da SS e é o homem que naturalizou Adolf Hitler, austríaco, como cidadão alemão. Depois da guerra, um tribunal o condenou a doze anos de cadeia. Ele se casou com a filha do ex-ministro presidente de Braunschweig, sra. Ingrun Klagges. Montou um hospital em Rondon, é um de seus melhores médicos. Afirma que nunca dirá onde se encontram Martin Bormann e Joseph Mengele [...].*
2. *Heriberto von Gasa, estabelecido em Rondon com uma ótica. Chegou ao Brasil regularmente, usando um contrato frio feito por Seyboth, para trabalhar como técnico em seu hospital. Receita e dá consultas como oculista, ilegalmente. Com um irmão de Ingrun Klagges, logo depois da guerra, fundou um partido político ultranazista, na Alemanha. Foi amigo particular do general Brehner, que capturou e executou os oficiais que tentaram matar Hitler, em 25 de julho de 1944* (*O Paraná*, 1976, p. 5).

Erdstein não foi o único a representar este discurso sobre a cidade. Ladislav Farago (1974) também dedica um capítulo do seu livro – *Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich* – para falar sobre Marechal Cândido Rondon e sobre os suspeitos apontados acima. No capítulo intitulado “*The Pursuit of a Shadow*” (A Perseguição de uma Sombra), o autor narra suas investigações na cidade, afirmando que ela era o “centro do neonazismo” da região, local de refúgio de criminosos de guerra nazistas e local onde estaria nascendo o *IV Reich*.

O centro do neonazismo era a cidade de Marechal Cândido Rondon, nome de um herói militar brasileiro, agora infestada por alguns dos mais viciosos e velhacos espécimes de uma era que nós pensávamos ter passado e um regime que nós gostaríamos de acreditar termos erradicado. Eu achei a cidade, no extremo oeste do estado do Paraná, um verdadeiro micro-organismo nazista. O prefeito na época da minha visita era um jovem brasileiro de origem alemã, Werner Wanderer. Um implacável antinazista, ele fez o que podia para

inibir as atividades desses “alemães” que escolheram essa cidade como abrigo, provavelmente porque ela forneceu o refúgio ideal para pessoas cuja sobrevivência depende de sua ocultação (Farago, 1974, p. 79).

Entre os alemães citados por Farago como os líderes nazistas da cidade, temos o nome do médico Friedrich Rupprecht Seyboth e sua esposa Ingrun Klagges. Farago apresenta Ingrun como sendo “a Primeira Dama do Nazismo da América do Sul” (Farago, 1974, p. 79) e filha de Dietrich Klagges, o homem “que possibilitou a Hitler, um cidadão austríaco, participar da política alemã e concorrer para a presidência contra Hindenburg, no Parlamento alemão” (Farago, 1974, p. 79).

O autor também cita um fragmento da conversa que teve com Ingrun:

[...] conhecida como a Primeira Dama do Nazismo da América do Sul. Ela, ao lembrar de Hitler, afirmou que: Ele amava crianças, ela conta, “e eu, uma pequena garota, era sua favorita. Meu Deus”, ela acrescenta, seus olhos brilhavam como que acalentando as memórias, “como era maravilhoso quando me pegava no colo e me acariciava afetosamente, nosso Führer, o grande homem da história” (Farago, 1974, p. 79).

Além do casal, Farago encontra outras pessoas iguais a eles:

Todos eles colhidos por um homem estranhamente arrojado perto dos 50 anos, com paixão pelo anonimato. Ele era (e ainda pode ser) um dos nazistas mais perigosos em atividade, apesar de nenhuma lista de criminosos de guerra citá-lo e ele não ser procurado em nenhum lugar por algum crime conhecido (Farago, 1974, p. 79).

O homem acima citado como “nazista mais perigoso em atividade” é Heribert Hans Joaquin Gasa, que, “embora sua reputação seja de um excepcional físico nuclear, vive uma monótona vida de oculista [...] e não podia explicar a sua capacidade de morar em uma grande fortaleza, que construiu com fundos de origem obscura” (Farago, 1974, p. 80).

Gasa seria o “cérebro”, o chefe de um movimento neonazista denominado “Ultras”.⁵ “Herbert von Gaza [sic] é tanto o ideólogo quanto o testa de ferro do nazismo nesta parte da América do Sul” (Farago, 1974, p. 80). Da mesma forma que Ingrun, “Gaza” também concedeu uma entrevista a Farago.

⁵ Em algumas fontes, o nome “Gasa” é escrito com a letra “z” no lugar de “s”. Porém, o correto é “Gasa” com “s”.

Ele falou livre e sinceramente, admitindo a existência dos Ultras, e admitindo que ainda possui em bom estado o uniforme da SS usado na guerra pela Alemanha Nazista. Eu o convidei para posar para uma fotografia, mas ele recusou com um perplexo sorriso. “É cedo demais”, disse ele em voz baixa, deixando-me com uma dúvida, se ele estava se referindo ao tempo daquele dia – eram 10 horas da manhã – ou à fase da evolução do seu movimento (Farago, 1974, p. 80).

Depois de três viagens pelo oeste brasileiro e uma “clandestina” jornada pelo sul do Paraguai, Farago supostamente “encontrou vários nazistas, mas somente traços de Martin Bormann” (Farago, 1974, p. 81).

Convém citar nesse momento uma breve biografia dos nomes mais citados entre os supostos participantes do grupo nazista de Marechal Cândido Rondon, os “cabeças” Gasa e Seyboth. Marcos Nestor Stein apresenta a biografia dos acusados retirada de entrevistas cedidas ao jornal *Rondon Hoje*, de junho de 1978, relatando as suas versões sobre o assunto.

Filho de imigrantes alemães, Friedrich Rupprecht Seyboth nasceu em 13 de junho de 1919 no município de Estrela, Rio Grande do Sul. Aos 6 anos de idade foi para a Alemanha. Em 1939 ingressou na faculdade de Medicina em Berlim, onde conheceu sua futura esposa Ingrun, sendo que, em 1940, entrou na Academia Médica da aeronáutica. Com a eclosão da guerra, foi enviado para o Norte da África, destacado para o corpo médico, sob o comando do marechal Rommel. De volta para a Alemanha, serviu como médico na região de Hamburgo, onde ao final da guerra foi aprisionado pelas forças aliadas, sendo posteriormente libertado (Stein, 2000, p. 71).

Seyboth foi frequentemente acusado de ser Bormann, pela sua semelhança física com o braço direito de Hitler, fato que com frequência foi mote para várias matérias jornalísticas nacionais e internacionais. “Confundido várias vezes com o criminoso nazista, o médico Friedrich Seyboth já foi manchete até em revistas estrangeiras” (*Rondon Hoje*, 1978, p. 13).

O jornal *Rondon Hoje* publicou em junho de 1978 a matéria intitulada: “Bormann mora em Rondon?”:

Um jornal da Capital Paulista publicou, tempos atrás, longa reportagem afirmando que aqui em Rondon estaria se formando o IV Reich além de muitas outras asneiras que, ao ver do médico Friedreich Rupprecht Seyboth, não passam de sensacionalismo. O fato é que as insistentes campanhas em cima deste assunto têm

causado sérios transtornos para Seyboth, afirmando inclusive que ele e Martin Bormann (um dos maiores criminosos nazistas) eram a mesma pessoa. Certa vez, logo após a divulgação de uma reportagem num jornal, esteve aqui em Rondon um agente da Polícia Federal que trouxe consigo, inclusive, algemas para prender Seyboth (Rondon Hoje, 1978, p. 13).

A matéria segue com a entrevista cedida ao jornal por Seyboth, desmentindo as acusações sofridas de que ele era Martin Bormann: “Nasci em 1919 e tenho 55 anos. O Bormann deve estar com 80 anos. Não posso ser o Bormann [...]” (*Rondon Hoje*, 1978, p. 13).

Como afirma Patrick Burnside (2000), vários investigadores já chegaram a identificar Martin Bormann e há uma lista de quase 60 detecções oficiais do braço direito de Hitler em várias localidades do mundo, sendo 50 delas provenientes da América do Sul. Nesse continente, foram-lhe atribuídas várias atividades, como empresário madeireiro, dono de uma fábrica de geladeiras industriais, e por último como um pastor protestante na floresta colombiana. E no período de 1950 a 1973, soma-se um total de sete mortes de Bormann desde Berlim, Roma e a América do Sul.

E, segundo Simon Wiesenthal, esses constantes “enganos” a respeito de Martin Bormann têm sua origem na aparência física de muitos imigrantes alemães semelhantes à sua. Wiesenthal o resume dessa forma:

Um homem grande, com um pescoço robusto e uma cara indiferente, que não tem nada de especial, pode-se encontrar pessoas como Bormann em todas as cidades alemães e austríacas, onde um em cada 50 homens se parece com Bormann [...]. Bormann é um típico – Bierkopf – bebedor que tinha uma – Deutzend-gesichter – [sic] cara comum, que se pode encontrar em qualquer – Braustuben – [sic] cervejaria bávara (Burnside, 2000, p. 560).

Seguimos agora com a breve biografia de Heribert Hans Joaquin Gasa. Do mesmo modo da apresentação biográfica de Seyboth, Marcos Stein apresenta a biografia de Gasa, retirada dos órgãos de imprensa regional:

Apesar de desenvolver pesquisas na área da Física, e pelas quais desejar [sic] ter seu nome relacionado, Heribert Hans Joachim Gasa foi o imigrante que, aparentemente, mais despertou a atenção dos “caçadores de nazistas”. Nascido em 14 de março de 1920, em Dambritsch, Schlesien (região que atualmente pertence à Polônia), Gasa veio para o Brasil em 1961 a convite do Dr. Friedrich R. Seyboth. Durante a Segunda Guerra

Mundial, foi motorista de caminhão de abastecimento da Força Aérea Alemã. Nesta função chegou a estar na frente oriental, na Ucrânia. Depois ingressou no grupo de paraquedistas, sendo então enviado para a França e em seguida para a cidade holandesa de Nijmegen, onde, no final da guerra, foi feito prisioneiro. Após alguns meses retornou para a Alemanha, onde se dedicou ao ramo óptico [...]. No final da década de 50, pensava em emigrar para a Austrália, mas acabou vindo para Rondon: “Eu era amigo do irmão da esposa do Dr. Seyboth. Nessa época ela esteve na Alemanha, e quando soube que eu pretendia ir para a Austrália, sugeriu que viesse para o Brasil” (Stein, 2000, p. 72).

Gasa foi frequentemente representado como o “testa de ferro”, o “cabeça” da organização nazista na cidade, principalmente pela estrutura de sua casa. Esse fato também é apontado por Ladislav Farago, que afirma que Gasa não podia explicar a sua “capacidade” de morar em uma grande fortaleza, que teria construído com fundos de origem obscura (Farago, 1974, p. 80).

Em entrevista a revista *Circus*, de 1997, Gasa fala sobre a construção e estrutura de sua casa:

Eu comecei a construí-la em 1965. Ela foi feita no eixo leste-oeste justamente porque aqui é muito quente no verão, e deste jeito, o sol esquentava mais o teto e não só uma das paredes, como a maioria das casas aqui [...] Pode-se dizer que minha casa é uma miscelânea de culturas. Há traços gregos, germânicos, italianos, astecas, entre outros. Inclusive há [sic] algum tempo atrás a interpretação errônea de algumas figuras de minha casa trouxeram-me [sic] incômodo. Uma jornalista do Zero Hora (Glorinha Glock) cismou que a figura da águia que está em cima da lareira na sala onde era o café colonial era um símbolo nazista (na verdade é um símbolo asteca e nada tem a ver com a águia-símbolo do nazismo). Outro fato curioso com a mesma jornalista aconteceu quando ela avistou uma fotografia do Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon que tenho pendurada em uma das paredes, ela pensou que fosse algum general nazista (Circus, 1997, p. 5).

A casa de Gasa, por causa de seu estilo, foi denominada por Erdstein e Farago de um esconderijo para os fugitivos nazistas e o lugar onde ocorriam as reuniões da organização neonazista da cidade. Principalmente, porque a casa, vista pelo lado de fora, é parecida com uma espécie de *bunker*, um refúgio ou esconderijo.

Esta não foi a única casa a ser relacionada como reduto nazista, após a Segunda Guerra Mundial, no Brasil; vide, como já vimos, a casa de Alexander Lenard localizada na cidade de Dona Emma, que também foi declarada por Erdstein como um lugar onde se refugiavam criminosos de guerra. Além dessas duas casas citadas pelo “agente secreto”, temos mais duas no país que escaparam aos “seus olhos”. Uma localizada no norte do Paraná, em Marilândia do Sul, e outra em Balneário de Carapebus, no Espírito Santo. Os donos dessas residências foram acusados de abrigarem Mengele, Bormann e outros criminosos nazistas, durante e após a guerra.

O alemão João Henrique Stalk veio para o norte do Paraná em 1938. Conta-se que Stalk, em sua juventude, após uma visita, teria se encantado com o Castelo de Wartburg, localizado no estado alemão da Turíngia.⁶ Isso o levou a querer construir uma réplica do castelo alemão, com milhares de detalhes arquitetônicos, torres, sacadas e jardim suspenso. Assim, entre os anos de 1942 e 1947, Stalk construiu o seu castelo, que na verdade é uma luxuosa construção edificada, que está localizado em um vale no início da Serra do Cadeado (Norte do Paraná), na cidade de Marilândia do Sul. Em posição dominante sobre um lago e um grande bosque, o edifício foi construído em estilo alemão medieval.

Toda essa estrutura construída em um lugar quase inacessível, na época, gerou inúmeras hipóteses e lendas. Uma delas diz que o castelo serviu como fortaleza de luxo para os nazistas fugidos da Alemanha durante e após a guerra, e que Mengele teria se hospedado por lá. Como nos mostra a matéria do jornal *Folha de Londrina*, do dia 20 de abril de 1989:

No Paraná, é famoso o “Castelo Eldorado” (Marilândia do Sul), que teria servido de refúgio a nazistas fugidos no fim da guerra. Construído num lugar afastado dos grandes centros, possuía instalações pouco comuns para a região. Os antigos moradores da região lembram-se de estranhas movimentações no local, cujo acesso era proibido (Folha de Londrina, 1989, p. 26).

Já no Espírito Santo, o “casarão” fica no litoral do município da Serra, a uns 20 quilômetros da capital, Vitória. A casa foi construída durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo se diz, foi planejada para esconder e abrigar nazistas. Sua arquitetura é alemã e possui características particulares, que a tornam única no mundo, da mesma forma que as casas de Gasa e de Stalk. Possui mais de 54 cômodos, estrategicamente interligados entre si, e

⁶ Cabe destacar que esse castelo tem grande valor memorialístico para os luteranos, pois foi nele que Lutero ficou escondido cerca de um ano e traduziu a Bíblia para o alemão.

distribuídos em seus quatro pavimentos. O elevador, com duplo acesso, liga os pavimentos e permite o desembarque simultâneo em dois ambientes distintos.

Sua estrutura é toda em alvenaria e madeiras nobres, protegidas por técnica alemã contra invasão de cupins. Possui pisos falsos, que podem ser utilizados como esconderijo. Uma passagem secreta dentro de um guarda-roupa dá acesso a outros cômodos e a um túnel, que liga o interior do casarão às margens de uma lagoa. Esse túnel inclusive possui armadilhas: um poço de água cristalina e falsos túneis.

Na casa, morava apenas um casal sem filhos – José Olympio Gomes e sua esposa. Segundo reportagem do jornal *A Tribuna* de Vitória, José Gomes, que planejou a casa, teria ligações com o nazismo e era um milionário com uma vida repleta de enigmas:

*Um milionário obcecado por sua segurança ou um nazista? O tempo passa, mas os mistérios em torno de José Olympio Gomes, um mineiro de Juiz de Fora, e o casarão que construiu na praia de Carabepus, na Serra, não se desfazem. Pelo contrário, só aumentam [...]. Reza a lenda que José Olympio Gomes tinha afinidade com o nazismo e que queria receber refugiados alemães da Segunda Guerra Mundial. Segundo o empresário Jan Spierski, que comprou a casa de José Olympio, a biblioteca tinha, de fato, livros nazistas. O casarão foi construído por apenas três operários e, segundo um deles, de 83 anos, Olympio não dava explicações: “Mandava a gente construir, mas nunca dizia o porquê. A gente perguntava, mas ele não respondia e mudava de assunto” [...]. José Olympio morreu há 25 anos e sua mulher nega que o marido fosse nazista [...]. A viúva teria dito que o marido era apenas muito preocupado com a segurança. Quanto ao tamanho do casarão, o motivo seria “uma certa mania de grandeza” (*A Tribuna*, 2011).⁷*

Podemos observar alguns traços em comum nessas casas, fato que levou a que elas fossem assim representadas. Das quatro casas apresentadas aqui que foram consideradas reduto de nazistas fugitivos, apenas a última, de José Olympio, não pertencia a um alemão – Gasa e Stalk – ou a alguém que foi considerado um – que é o caso de Lenard, que era húngaro de origem, mas foi “confundido” com um alemão. Ainda, o fato de essas casas serem ligadas a pessoas consideradas misteriosas e desconhecidas pela população, com possíveis ligações com o nazismo, de essas casas carregarem consigo todo um fluxo de imagens, de

fantasmas, de histórias e representações simbólicas – ou seja: porões, passagens falsas, túneis, excentricidades das mais variadas, “afastadas” ou escondidas – e o fato de que muitas vezes se confundem com a trajetória de vida de seus donos permitem, pelo menos no imaginário, que elas sejam representadas como reduto de criminosos de guerra que hospedava Mengele, Bormann e até mesmo Hitler.

Gasa e Seyboth também foram protagonistas de uma foto que se tornou famosa em vários lugares do mundo. Isso porque a foto em questão foi publicada, primeiramente, no livro de Ladislav Farago (adquirida através de Erdstein), *Aftermath*, de 1974, dizendo que Seyboth e Gasa seriam Martin Bormann e Adolf Hundhammer⁸ numa festa na cidade de Apolo (Bolívia), em 1958 (Farago, 1974, p. 228). Depois da aparição da foto no livro, ela ganhou projeção nacional e internacional.

Em 9 de agosto de 1975, a revista *Manchete* reproduziu essa mesma fotografia dizendo que se tratava de Martin Bormann e um amigo em La Paz, na Bolívia. Diante disso, Gasa e Seyboth enviaram uma carta ao diretor da revista *Manchete* solicitando a retificação da matéria, pois as pessoas da foto seriam Seyboth (com a câmera fotográfica) e Gasa. Segundo os mesmos:

Senhor Diretor: Ocorre que a fotografia publicada por “Manchete” como sendo Bormann e um amigo seu na verdade retrata os signatários, Seyboth e Gasa, que há muitos anos vivem pacificamente na tranquila cidade de Mal. Cdo. Rondon, no oeste paranaense, conhecidos de toda a população. A foto em questão foi tomada durante uma festa cívica, no ano de 1970, e os moradores dessa cidade reconheceram de imediato a foto e os seus retratados, tão logo a mesma saiu em “Manchete”. É lamentável que a prestigiosa revista “Manchete”, cuja seriedade e amor à verdade são por demais conhecidos, da mesma forma como Ladislav Farago, tenham sido vítima das tiradas sensacionalistas de ERICH ERDSTEIN, um misto de escroque e 007, hoje, segundo informações de Farago, vivendo no Canadá, o qual, faz alguns anos, andou pela cidade de Mal. Cdo. Rondon, onde sua vocação para a fantasia rendosa e para a emissão de cheques sem fundo se tornou por demais conhecida. Pois foi Erdstein o primeiro que divulgou a malsinada e tão repetida fotografia acima referida. Aliás, é o próprio Farago que dá a ficha de Erdstein, o qual no Brasil se fez conhecido pelo apelido de “Doutor Erico”, expulso da casa paterna em Viena como “ovelha negra da família”, em virtude de suas inúmeras bandalheiras, correu o mundo em busca

⁷ Sobre este casarão ver: www.youtube.com/watch?v=0VD6aWLBj7g

⁸ Adolf Hundhammer foi membro da guarda pessoal de Hitler e, no início da década de 1950, imigrou para a Bolívia.

de sensações fortes, prestando serviços nem sempre bem caracterizados às polícias de diversos países, e foi nas solitárias margens do Rio Paraná, durante uma vigília noturna, que sentiu despertar em si a vocação de caça-nazistas, sendo que a partir daí, Erdstein se autoinvestiu das funções de agente secreto, estilo James Bond (Vd. Faremath [sic], ed. alemã pg. 336) (Gasa e Seyboth, Mal. Cdo. Rondon, Pr., 08/09/1975. À direção da revista Manchete – Rio de Janeiro).

Esta mesma fotografia apareceu tempos depois na matéria intitulada “O IVREICH: Bormann foi fotografado na Bolívia”, da revista *Realidade* de fevereiro de 1976 (*Realidade*, 1976),⁹ e na matéria intitulada “Bormann vive na Argentina”, da revista alemã *Quick* de 24 a 30 de abril de 1975 (*Quick*, 1975).

Porém, como vimos na carta, segundo o próprio Gasa, a foto em questão foi feita por dois jornalistas argentinos que certa vez estiveram em Marechal Rondon, durante um desfile de 7 de setembro, no início dos anos 1970.

Podemos observar que os discursos formados sobre as cidades de Marechal Rondon e Rio do Sul (Dona Emma) encontram sustentação, ou condições de produção, através de leituras sobre o contexto histórico dos municípios, em deduções baseadas principalmente pelo fato de elas serem formadas basicamente por descendentes e imigrantes alemães, que mantiveram certas tradições germânicas, como a língua, a arquitetura e os costumes. Por elas serem afastadas dos grandes centros, portanto, são vistas como lugares ideais para os nazistas se reorganizarem. Também a partir da leitura do perfil de alguns de seus moradores, como o caso de Lenard, de Rio do Sul, e Seyboth e Gasa, que participaram da Segunda Guerra Mundial integrando tropas nazistas, e, conseqüentemente, foram tachados como os líderes de uma conspiração para reerguer o nazismo na América. E, de fato, não foi difícil para Erdstein apresentá-los como tais. Somando-se a isso, Erdstein lançou mão de sua condição de “agente” da DOPS para legitimar suas histórias e seus relatórios.

Contudo, havia algum tempo as histórias de Erdstein e Farago já estavam sendo contestadas (como vimos pelos casos de Lenard, Gasa e Seyboth). Já no final da década de 1960, vários jornais começaram a apresentar o lado “vigarista” de Erdstein. Como exemplo, temos o jornal *O Estado do Paraná*, que apresentou uma matéria onde aparecem as falcatuas efetuadas por Erdstein:

O comprometimento alegado das autoridades brasileiras fazem [sic] destacar a necessidade de que a opinião

pública nacional e internacional venha efetivamente tomar conhecimento da figura inescrupulosa, profissional e aventureira de Erich Erdstein. Austríaco de nascimento, à época da Segunda Guerra surgiu na América do Sul. Em 43 foi preso pelas autoridades argentinas, em Tucuman [sic], sob suspeita de ser agente de potência estrangeira. Acionada a Interpol em Paris, foram apurados os seguintes registros policiais: 28-2-40, apropriação indébita; 13-1-44, informações requeridas por juiz de instrução, ignora-se a solução; 18-8-46, jogos de azar; 8-10-45, imputado em crime de fraude; 10-9-57, investigações pelo juiz do 1º turno; 30-12-57, requerida a investigação pelo juiz de 4º turno; 1-8-60, investigação pelo juiz de 1º turno. Em 59 a sua presença foi revelada em Porto Alegre, foragido de uma ordem de prisão pendente no Uruguai, pela prática de estelionato [...]. Dívida de 2 mil cruzeiros novos para com o sr. Ghunter Solzemberg (refeições e dinheiro emprestado), proprietário do restaurante Canequinho em Foz do Iguaçu; dívida de 2 mil e 500 cruzeiros novos, Hotel Cassino Acaray, no Paraguai; parte da dívida de 2,500 cruzeiros novos (1.546,00) foi paga em cheque sem fundos ao Palace Hotel, em Foz do Iguaçu (O Estado do Paraná, 1969, p. 8).

Depois das celeumas levantadas por Erdstein em várias cidades, a cúpula da Polícia Civil do Paraná “achou melhor colocar o 007 trapalhão na geladeira” (*Oeste*, 1991b, n° 67, p. 32), transferindo-o para Foz do Iguaçu. Sua permanência na cidade se tornou insustentável após algum tempo, devido, como visto acima, aos seus “calotes”. Assim, no final de setembro de 1968, o “agente especial jogou fora a estrela de xerife e atravessou a fronteira com o Paraguai, deixando para trás uma pilha de cheques frios e de contas a pagar” (*Oeste*, 1991b, n° 67, p. 32), e do Paraguai foi para Londres. As notícias sobre o paradeiro de Erdstein se tornaram escassas após ele ter ido para a Inglaterra. Ladislav Farago diz, na época em que escreveu o seu livro – 1974 –, que ele estaria morando nos Estados Unidos, e depois disso não temos mais nenhuma informação sobre ele.

O interessante é perceber como Erdstein acreditava nas histórias que estava contando, mesmo depois de se constatar que elas não eram verdadeiras, mas meras invenções de sua mente. Como afirma Wolfgang Heuer (2006), a tentação de inventar uma história que se pretende real costuma ser potencializada pelo fato de que a mentira, ao contrário da verdade, possui uma força criativa. Sobre esse assunto, Heuer cita Hannah Arendt, que por ocasião das discussões em torno do seu livro *Eichmann*

⁹ Esse fato também levou Gasa e Seyboth a mandarem uma carta pedindo retratação pelas inverdades escritas pela revista sobre a fotografia, fato que não pôde ser atendido devido à falência da mesma, tempos depois.

em *Jerusalém* e as controvérsias em torno dele, descreveu o que efetivamente é a verdade, e quais são as vantagens da mentira sobre a verdade.

Segundo Heuer, ela distingue entre três tipos de discurso: mentir, dizer a verdade e dar destaque a determinadas realidades em favor do interesse de um grupo:

No primeiro caso, segundo Arendt, o mentir sempre constitui “em primeiro lugar, uma ação”, enquanto o dizer a verdade não o é. O dizer a verdade é algo totalmente independente, e por isso sua posição dentro da discussão pública e da política é complicada. Pois, “na vida política praticamente não existe um tipo de humano que desencadeie dúvidas tão fortes sobre sua veracidade quanto aquele que deve dizer a verdade por razões profissionais, que sugere representar uma harmonia preestabelecida entre interesses e verdade. Em contrapartida, aquele que mente não precisa recorrer a meios tão duvidosos para atingir seus fins políticos. Ele tem a vantagem de estar sempre em meio à política. Seja lá o que ele disser, não se trata apenas de algo dito, mas de uma ação. Ele diz o que não é, porque deseja modificar aquilo que é. Ele é o grande beneficiário do inegável parentesco entre a capacidade humana de modificar as coisas e a misteriosa capacidade de dizer ‘o sol brilha’, enquanto lá fora está chovendo aos cântaros”. Não se acredita naquele que diz a “verdade por profissão”, porque tanto a verdade quanto o dizer a verdade correm perigo tão logo interesses entrem em jogo (Heuer, 2006, p. 46).

Fato é que o mentiroso se transforma tanto mais facilmente em vítima de suas próprias mentiras quanto mais bem-sucedido ele se mostra na sua difusão pelo mundo, mas também que o ludibriador, exatamente por acreditar nas suas próprias mentiras, parece merecer muito mais crédito do que aquele que afirma uma inverdade, de forma consciente e soberana, e com isso arma sua própria “arapuca” (Heuer, 2006, p. 46).

Erich Erdstein foi, sem dúvida, muito bem-sucedido com as histórias que contou, tendo em vista a enorme repercussão que elas tiveram na imprensa nacional e internacional. Parece-nos que se entregou de forma total ao papel que se autoatribuiu – de caçador de nazista –, e, por outro lado, o público e principalmente a imprensa, por algum tempo, estavam dispostos a acreditar no seu mundo e na sua realidade.

Considerações finais

Esses discursos, a nosso ver, se tornam inteligíveis por se inscreverem em um imaginário político conspiratório

e num clima psicológico de incerteza, insegurança e medo que se instaurou, após a Segunda Guerra Mundial, de que o nazismo poderia se reestruturar em algum lugar do mundo. O fato de várias pessoas envolvidas com o nazismo terem fugido da Alemanha após o término do conflito, refugiando-se em terras latino-americanas, deu o mote para a aparição de várias histórias sobre a formação do *IV Reich* no continente. E também possibilitou a aparição de personagens como Erich Erdstein e Ladislav Farago.

No caso, estudamos esse imaginário nas cidades brasileiras de Rio do Sul e Marechal Cândido Rondon, cujas características culturais foram ressignificadas e apresentadas como indícios de uma conspiração nazista empenhada em reerguer o nazismo. Mas, de fato, a representação da temática nos mais variados meios de comunicação nos mostra que ela não se restringiu apenas a essas cidades, tampouco ao Brasil, mas se estendeu a vários países da América Latina, como Argentina, Paraguai e Bolívia.

Para exemplificar isso, temos o livro dos britânicos Gerrard Williams e Simon Dunstan (2011), *The Grey Wolf – The Escape of Adolf Hitler* (O lobo cinza – a fuga de Adolf Hitler), no qual os autores sustentam que Hitler escapou do bunker três dias antes de seu suposto suicídio. Ele teria se instalado em mais de uma residência na Patagônia, Argentina, com sua esposa Eva Braun e duas filhas.

Devemos, então, analisar esse imaginário, traduzido em um discurso, como derivado de um complexo conjunto de práticas que o mantêm em circulação e que não são imagináveis sem um contexto receptivo, ou até uma procura ansiosa por histórias desse tipo. Inclui-se nesse contexto todo o aparato cultural e científico que se dedica ao tema: os leitores, as editoras, os autores, os meios de comunicação e os historiadores. Como afirma João Fábio Bertanha (2007), na sociedade contemporânea tudo aquilo que se refere a conspirações tem vendagem garantida. Livros sobre a *Opus Dei* ou o assassinato de Kennedy, por exemplo, têm público cativo e representam parte substancial do movimento das livrarias. Do mesmo modo, tudo aquilo que se relaciona ao nazismo também atrai a atenção. Não espanta, assim, “como livros e revistas sobre conspirações nazistas, sobre o relacionamento do nazismo com o oculto e temas correlatos tenham tanto público no mundo todo e há muito tempo” (Bertanha, 2007, p. 1). Podemos falar da existência de uma “indústria” voltada ao tema.

Essa “indústria” se aproveita da existência de um fascínio pelo oculto, de uma curiosidade mórbida e do medo daquilo que parece insidioso e incontrolável, para, desde a década de 1940, lançar produtos e mais produtos que encontram compradores por todo o mundo, movidos por tais sentimentos. E, no contexto do pós-guerra,

certamente existiram muitas pessoas interessadas em ganhar algum dinheiro escrevendo tais histórias (Erdstein e Farago, por exemplo), pois até se pagavam recompensas para quem soubesse de pistas sobre o paradeiro de nazistas fugitivos como Eichmann, Mengele e Klaus Barbie. Uma das instituições que pagavam por tais informações era o serviço secreto do governo de Israel, a Mossad – Instituto para Inteligência e Operações Especiais.

A existência dessa “indústria” comprova que, pelo menos na mente das pessoas e na linguagem, o III ou o *IV Reich* continuam, ou continuaram, vivos por muito tempo. E, desde o término da guerra, o nazismo continua a provocar curiosidade, fascínio e medo. Seus personagens continuam a inspirar obras historiográficas ou ficcionais, mais de 60 anos depois de encerrada a Segunda Guerra Mundial.

Referências

- BADEL, K. 2011. A escrita de si e do outro: Uma biografia de Alexander Lenard (1951-1972). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI São Paulo, 2011. *Anais...* São Paulo, p. 1-24.
- BERTONHA, J.F. 2007. Nazismo, ocultismo e conspirações. *História Unisinos*, 11(3):381-384.
- BURNSIDE, P. 2000. *El escape de Hitler*. Buenos Aires, Planeta, 494 p.
- DIRKSEN, V. 1996. *Dona Emma: história do município*. Florianópolis, Ed. do Autor, 184 p.
- GERTZ, R. 1991. *O perigo alemão*. Porto Alegre, Editora da Universidade UFRGS, 87 p.
- GERTZ, R. 1987. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 88 p.
- HEUER, W. 2006. A Síndrome Wilmorski. *Estudos Ibero-Americanos*, Edição Especial, 2:35-47.
- STEIN, M.N. 2000. *A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)*. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 134 p.
- A TRIBUNA. 2011. Vitória, ES, 4 dez.
- CIRCUS. 1997. Marechal Cândido Rondon, PR. Jun., n.º 3. p. 5.
- ERDSTEIN, E.; BEAN, B. 1977. *Renascimento da Suástica no Brasil*. São Paulo, Círculo do Livro, 198 p.
- ERDSTEIN, E. 1968. *Criminosos de guerra no Brasil: sua localização e atividades no Estado do Paraná*. Curitiba, dossiê n.º 062-DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- FARAGO, L. 1974. *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich*. New York, Simon and Schuster, 465 p.
- FOLHA DE LONDRINA. 1989. Londrina, PR. 20 abr., p. 26.
- GASA e SEYBOTH. 1975. Carta à direção da revista *Manchete*, Rio de Janeiro. Marechal Cândido Rondon, Paraná, 8 set.
- JORNAL DA TARDE. 1968. São Paulo, SP. 18 maio, p. 10.
- O ESTADO DO PARANÁ. 1967. Curitiba, PR. 13, 14, 15 e 16 dez.
- O ESTADO DO PARANÁ. 1969. Curitiba, PR. 26 fev., p. 8.
- OESTE. 1991a. Marechal Cândido Rondon, PR. Out. 1991, n.º 65, p. 26.
- OESTE. 1991b. Marechal Cândido Rondon, PR. Dez. 1991, n.º 67, p. 32.
- O PARANÁ. 1976. Cascavel, PR. 1 out., p. 5.
- QUICK. 1975. Munique, Alemanha. 24 a 30 abr.
- LENARD, A. 1968. Como cheguei a ser Bormann e Mengele. Um relatório da Floresta Virgem. In: *Stuttgarter Zeitung*, Stuttgart, Alemanha. 9 abr., n.º. 84, p. 3.
- REALIDADE. 1976. São Paulo, Ed. Abril, n.º 119, ano X, fev.
- RONDON HOJE. 1978. Marechal Cândido Rondon, PR. 10 a 17 jun., p. 13.
- WILLIAMS, G.; DUNSTAN, S. 2011. *The Grey Wolf – The Escape of Adolf Hitler*. Warwick, Sterling, 384 p.

Submetido: 31/03/2013

Aceito: 30/04/2013

Fontes primárias

- A TRIBUNA. 2011. Vitória, ES, 4 dez.
- CIRCUS. 1997. Marechal Cândido Rondon, PR. Jun., n.º 3. p. 5.
- ERDSTEIN, E.; BEAN, B. 1977. *Renascimento da Suástica no Brasil*. São Paulo, Círculo do Livro, 198 p.
- ERDSTEIN, E. 1968. *Criminosos de guerra no Brasil: sua localização e atividades no Estado do Paraná*. Curitiba, dossiê n.º 062-DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- FARAGO, L. 1974. *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich*. New York, Simon and Schuster, 465 p.
- FOLHA DE LONDRINA. 1989. Londrina, PR. 20 abr., p. 26.
- GASA e SEYBOTH. 1975. Carta à direção da revista *Manchete*, Rio de Janeiro. Marechal Cândido Rondon, Paraná, 8 set.
- JORNAL DA TARDE. 1968. São Paulo, SP. 18 maio, p. 10.
- O ESTADO DO PARANÁ. 1967. Curitiba, PR. 13, 14, 15 e 16 dez.
- O ESTADO DO PARANÁ. 1969. Curitiba, PR. 26 fev., p. 8.
- OESTE. 1991a. Marechal Cândido Rondon, PR. Out. 1991, n.º 65, p. 26.
- OESTE. 1991b. Marechal Cândido Rondon, PR. Dez. 1991, n.º 67, p. 32.
- O PARANÁ. 1976. Cascavel, PR. 1 out., p. 5.
- QUICK. 1975. Munique, Alemanha. 24 a 30 abr.
- LENARD, A. 1968. Como cheguei a ser Bormann e Mengele. Um relatório da Floresta Virgem. In: *Stuttgarter Zeitung*, Stuttgart, Alemanha. 9 abr., n.º. 84, p. 3.
- REALIDADE. 1976. São Paulo, Ed. Abril, n.º 119, ano X, fev.
- RONDON HOJE. 1978. Marechal Cândido Rondon, PR. 10 a 17 jun., p. 13.
- WILLIAMS, G.; DUNSTAN, S. 2011. *The Grey Wolf – The Escape of Adolf Hitler*. Warwick, Sterling, 384 p.